



DEPOIMENTO

HAIDEE DEL BOSCO DE ARAÚJO

Em 2003, servidora aposentada da Câmara dos Deputados. Entre outras atividades na Casa, exerceu os cargos de assistente técnico de gabinete e assessor técnico.

ENTREVISTADORES:

Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho

LOCAL:

Brasília

DATA:

22/9/2003

DURAÇÃO:

1 hora, 13 minutos

TÓPICOS:

A vinda para Brasília; o processo de seleção para ingresso na Câmara dos Deputados; a Secretaria-Geral do PMDB e do PP; os relacionamentos interpessoais com grandes líderes da política nacional; a atuação da Câmara durante a Ditadura; seu engajamento político; sua intensa dedicação à Câmara; a valorização do servidor; a Câmara como representante do povo; episódios de troca de tiros na Câmara e no Senado.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Inicialmente, pedimos à senhora que diga o nome completo, o ano em que veio para Brasília, quando e como ingressou na Câmara dos Deputados.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Primeiramente, gostaria de agradecer-lhes o convite. Fiquei bastante lisonjeada por ter sido convidada para uma ocasião tão importante como essa, que são os 180 anos da Câmara dos Deputados.

Tomei a liberdade de colocar aqui meu nome. Haidée Del Bosco de Araújo, assessora técnica, inativa, ponto 40.496. Comecei na Câmara dos Deputados em 1º de fevereiro de 1961. Muito antes eu havia feito um concurso para a Câmara dos Deputados, quando esta funcionava no Palácio Tiradentes. Eu fiz esse concurso, e a Câmara foi transferida em abril de 1960. E nós, os concursados, ficamos no Rio de Janeiro aguardando a chamada, porque os cargos de datilógrafos ainda iam ser criados. Havia apenas 3 cargos. Foram classificados 44. Três foram logo chamados e 41 ficaram aguardando a decisão. No Rio de Janeiro, nós, os concursados, nos reunimos para fazer algum movimento, até mesmo vir a Brasília, porque tínhamos conhecimento de que muitas pessoas estavam entrando pela janela, como se dizia. Entraram aquelas pessoas pelas janelas. Eles as rotularam de reservas. Essas pessoas ficaram como reservas.

Então, nós viemos para Brasília mais ou menos no final de 1960. O presidente da Câmara era o Ranieri Mazzilli; o diretor-geral, o Gigliotti; o diretor da Contabilidade, o Maestralli, tio do outro, que é mais conhecido agora. Veio uma turma – não muito grande, porque a distância era enorme –, não tínhamos verbas para nos custearmos aqui em Brasília e também porque estávamos vindo para um lugar desconhecido para nós, do Rio de Janeiro. Fizemos esse movimento. O diretor-geral nos perguntou se nós queríamos, enquanto não se criavam os cargos, ser admitidos como reservas concursados. Então, nós viemos como reservas concursados, ainda em 1960. Já em 1961, mais precisamente no dia 1º de fevereiro de 1961, eu ingressei nos quadros da Câmara dos Deputados, através de concurso público. Foi até um concurso interessante. Na ocasião eu estava cursando o primeiro ano da Faculdade de Direito. Eu morava no Rio de Janeiro e trabalhava no Museu Imperial. Certa vez, o diretor do Museu Imperial me perguntou: “Haidee, você não quer fazer um concurso na Câmara?” Eu disse: “Ih, Sr. Scragnole, eu não vou fazer não, porque aquilo ali é muita política... eu sei que não vou conseguir; eu não conheço ninguém...” Foi a primeira pessoa que eu vi – eu ainda era nova, vinte e poucos anos – ler o *Diário do Congresso*, que para nós não tinha significado algum. Ali ele viu que havia um concurso na Câmara. Na ocasião, modéstia à parte, eu era muito boa datilógrafa. Na

época, eu já trabalhava com máquina elétrica, mas o concurso seria realizado em máquina manual. Ele disse: “Vai! Vai!” Eu estava em provas na Faculdade, e disse: “eu não vou sacrificar minhas provas para me dedicar a um concurso, cujo resultado não sei qual será”. Passei na primeira prova, Português. Aí eu fiquei muito satisfeita. Eu pensei: “Poxa, passar na prova! Passei na prova!” O Sr. Scragnole ficou muito feliz – Luiz Affonso D’Scragnole Tunay, já falecido há muito tempo. Então, ele ficou muito satisfeito e eu disse: “Vou estudar para as demais matérias.” Aí, peguei as outras matérias e desenvolvi também a datilografia em máquina manual, porque eu já estava na máquina elétrica. Felizmente, fui classificada em 30º lugar. Foi quando eu vim para a Câmara. Graças à coordenadora do concurso – Sra. Nayde Figueiredo –, o concurso foi de uma lisura a toda prova! Talvez eu não tivesse encontrado outro! Quando eu fui fazer a prova de datilografia, porque nas outras eu já tinha passado... No concurso tinha prova de inglês ou francês. Na ocasião eu estava fazendo o Instituto Brasil-Estados Unidos. Eu pensei: “Inglês é uma língua bastante difícil, não é uma língua latina. Eu vou fazer prova de francês”. Eu fiz a de francês e me dei bem. As pessoas que fizeram prova de inglês disseram que a prova foi bastante difícil. Como era permitido levar a máquina, pedi emprestado uma máquina à IBM – Não gosto de fazer propaganda, mas a IBM me emprestou uma máquina nova. Eu disse: “Se eu passar, compro essa máquina.” Eu só podia comprar uma máquina se passasse no concurso, porque eu era oficial administrativo do Ministério da Educação e ganhava uma quantia... A gente sabe que os ordenados do Poder Executivo são bem aquém dos do Poder Legislativo, principalmente da Câmara dos Deputados. Nós ainda tínhamos vantagens na época, quando chegamos à Brasília. Fora o ticket refeição, fora a condução... Então nós tínhamos tudo de bom. Vim para Brasília. Vou dizer, francamente, que de início, a cidade não me agradava. Na época, o meu marido trabalhava no Ministério de Minas e Energia e já estava se mobilizando para conseguir a sua transferência para cá. Quando cheguei, logo eles me colocaram na Comissão de Orçamento. Pensei: “É tão engraçado como a gente chega na Câmara dos Deputados...”. E eu tinha – graças a Deus ainda tenho – bastante energia para trabalhar. Eu gosto muito de trabalhar. Fui trabalhar na Comissão de Orçamento com uma turma maravilhosa, uma turma espetacular. Muitos já se foram, mas alguns ainda continuam por aí. Era uma família. Uma família! Nós íamos para a Imprensa Nacional e ficávamos até de madrugada. Nessa época, o meu marido já tinha vindo para Brasília. Nós compramos uma lambreta. Ele vinha e eu voltava da Imprensa de madrugada, já altas horas. Nós ficávamos lá na Imprensa Nacional até quase de manhã, para voltar às oito horas outra vez. O nosso pique era muito grande, caso contrário não agüentariamos. Nós trabalhamos muito na Comissão de Orçamento. Eu gosto muito de cálculo, apesar de ter me formado em Direito. Na

verdade, a minha praia era contabilidade. Só não fui para a Contabilidade porque as pessoas nos aterrorizavam com o Maestrali. Diziam que ele era terrível, então, ficávamos meio receosas de ir para a Contabilidade. Aí, acabou aquele nosso trabalho; e a Comissão de Orçamento fica sem um trabalho maior. Eu tinha um potencial de trabalho muito grande e fui para a Comissão de Constituição e Justiça. O presidente Ranieri Mazzilli queria que eu fosse para o gabinete da Presidência. Mas eu não queria ir para o gabinete da Presidência. Eu queria trabalhar em uma comissão. Hoje, é claro, tenho outro pensamento. Eu gosto mesmo é dos gabinetes. O gabinete é o miolo da política. Então, fui para a Comissão de Justiça e ali fiquei algum tempo com o então presidente Nelson Carneiro. Saí da Comissão de Justiça e fui para a Diretoria de Pessoal. Cheguei à Diretoria de Pessoal com a irmã da Nayde Figueiredo; a outra era a Nadir Pinto de Figueiredo, se não em engano. Ali trabalhei durante algum tempo. Tínhamos a Diretoria de Pessoal e a Diretoria do Cadastro. Eu trabalhava no cadastro dos funcionários. Gostava muito do serviço porque ali eu escrevia à mão. Ainda não tínhamos o computador, escrevíamos à mão. No Cadastro, nós tínhamos um enorme livro. Naquele livro, era anotado tudo de todos os funcionários. Nós tínhamos o histórico de cada funcionário na Seção de Cadastro. A diretora era a Luci Maciel Neiva. De lá eu fui para a Primeira Vice-Presidência. Eu achava muito estranho, porque no Executivo, quando se é transferido de uma seção para outra, é como se fosse uma punição, e aqui, quando o funcionário era bom de trabalho, ele era transferido de seção. Eu fui para o gabinete da Primeira Vice-Presidência, com o deputado Oswaldo Lima Filho. Ele se candidatou novamente, perdeu, entrou outro mandato e os funcionários... veio outra linha política e nós saímos dali. Fui convidada pelo então deputado Martins Rodrigues para a Secretaria-Geral do então MDB. Ali eu fiquei. Gostava muito do MDB. Gostava muito mesmo. A gente não tem... O funcionário é apolítico, não pode ter... Mas eu sempre fui politqueira e eu me filiei ao MDB. E ali trabalhei com Dr. Martins Rodrigues, com Dr. Ulysses Guimarães, que era o presidente do partido, com Dr. Oscar Pedroso Horta, com Dr. Nelson Carneiro. Durante muito tempo fiquei prestando serviços mais diretamente ao então deputado Franco Montoro. Trabalhei muito tempo com Dr. Franco Montoro. Depois, ele foi eleito senador e queria que eu fosse para o Senado. Disse a ele: “Não. Vou indicar uma companheira que o senhor vai gostar muito e acredito que ela vai corresponder às suas expectativas”. Ele era muito dinâmico também. Dr. Franco Montoro era uma pessoa profundamente honesta, como também Dr. Martins Rodrigues, Dr. Ulysses Guimarães e Dr. Pedroso Horta. Depois fui trabalhar com Dr. Tancredo Neves e Dr. Renato Azeredo. Aí já vou para a ala de Minas. O meu marido é de Minas; morei em Belo Horizonte e lá deixei muitas amigas. Depois trabalhei com Dr. Aldo

Fagundes. Fiz um novo concurso no trabalho da Secretaria e trabalhei muito diretamente com o deputado Martins Rodrigues, com Dr. Ulysses Guimarães e Dr. Franco Montoro. Aí fiz o concurso para oficial legislativo da Câmara dos Deputados. Passei no concurso, mas como havia muitos candidatos... Eu passei, mas fui promovida, por merecimento, antes de ser nomeada para o cargo de oficial legislativo. Dentro da minha caminhada na Secretaria-Geral, exerci as funções de auxiliar de gabinete, oficial de gabinete e, por fim, de assessora técnica, já indicada por Dr. Mário Covas, a pedido do Dr. Paes de Andrade. O Dr. Paes de Andrade me disse: “Haidée, eu não sei se vou conseguir, vou pedir.” Ele conseguiu. Eu tive muita satisfação de conviver com pessoas maravilhosas que reconheciam o nosso mérito. Não era um trabalho de politicagem, mas um trabalho de mostrar o nosso potencial numa Secretaria-Geral. O trabalho na Secretaria-Geral é muito difícil, porque é um órgão extremamente político. Depois, fui trabalhar com o deputado Thales Ramalho, já no PMDB. Aí entrou o “P” no MDB; já era o Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Eu trabalhei com o Dr. Thales Ramalho mais de dez anos, quando ele estava bem de saúde e, depois, quando ele sofreu isquemia e ficou hemiplégico. Depois, com o acidente automobilístico que sofreu, o outro lado do corpo que estava bom também ficou danificado. Então, ele ficou trabalhando de muletas canadenses ou de cadeira de rodas bastante tempo. Eu trabalhei com ele muito tempo, até que foi através do Dr. Tancredo Neves... – Desculpem por eu estar falando Tancredo, Renato Azeredo, Thales Ramalho, mas eles eram quase da minha idade; eram novos, depois foram ficando velhos como eu. E eles fundaram o PP. O Dr. Thales pediu-me que o acompanhasse na Liderança do partido. Eu disse: “Eu vou para a Liderança, mas não vou para a chefia do gabinete.” Convidei outro colega para que eu pudesse continuar no meu cargo de assessora, apesar de chefiar a Secretaria. Nesse cargo eu fiquei um tempo até que o PP acabou. Eu trabalhei um pouco com o deputado Miro Teixeira, que também foi secretário-geral. O Dr. Miro me chamou e eu trabalhei com ele também; a Secretaria já estava em outro local, estava no Senado.

Quando eu voltei, na Liderança do PMDB estava aquele deputado que foi cassado, do Rio Grande do Sul, e foi promotor – trabalhei muito pouco com ele, depois vou lembrar o seu nome. Deputado Ibsen Pinheiro. Trabalhei na Liderança por pouco tempo, porque o deputado Ibsen Pinheiro não me conhecia. Entraram pessoas novas. Eu acredito que as pessoas ainda não estavam familiarizadas com a estrutura, com aquela bagagem que vínhamos trazendo. Sabemos que a Casa é política e há também politicagem de funcionários. Às vezes, há muito medo de alguém abafar, aqueles que têm experiência, caminhos vividos e bem vividos e percorridos dentro

desta Casa do Poder Legislativo. Eu estava de férias, e o deputado falou à sua secretária para me mandar apresentar-me à Diretoria do Pessoal. Eu não me apresentei à Diretoria do Pessoal e escrevi uma carta para ele – eu tenho essa carta lá em casa. Na carta, lamentava muito ele não me conhecer. Lamentava. Eu fiz uma carta até grande para ele e mandei entregar. E continuei na Liderança, mas já bem desligada, desestruturada do gabinete, porque eles não me davam oportunidade. Mas foi por pouco tempo; logo eu requeri a minha aposentadoria.

A minha aposentadoria foi muito sofrida, porque eu gostava muito da Câmara. Eu achava Brasília uma cidade muito heterogênea. Eu vinha do Rio de Janeiro, uma cidade com muito calor humano. Eu amo o Rio de Janeiro. Mas eu gostava da Câmara dos Deputados. Eu não saía da Câmara dos Deputados! Eu vivia mais na Câmara do que em casa. O meu pessoal reclamava muito. Eu comia um sanduíche ou alguma coisa. Não havia ainda esses restaurantes, apenas um pequeno na entrada, no Edifício Principal, e um no Senado. Não existia o Anexo IV, estavam construindo o Anexo III. E eu ficava o tempo todo na Câmara dos Deputados. Isso me dava uma motivação muito grande, porque aqui eu me sentia no Rio de Janeiro. Havia muito movimento, e tínhamos oportunidade de participar de todos os eventos, de tudo que era novidade e que vinha para cá.

Nós, os funcionários, éramos logo convidados. Principalmente nós que exercíamos funções mais seletivas. Não quero dizer que... cada um dentro das suas atribuições. Mas não existia ainda esse trabalho terceirizado. Havia o pessoal de Secretaria e o pessoal de Portaria, que era altamente marginalizado por nós, funcionários concursados da Secretaria. Funcionários de Secretaria. Vocês devem saber muito bem disso. Nós tínhamos o Clube do Congresso, e os funcionários de Portaria fundaram a Ascade. E nós nos infiltramos na Ascade! Nós tomamos conta! Era impressionante! Depois vieram os terceirizados. Com as reformas na Câmara, as pessoas foram promovidas. Nós víamos as pessoas da limpeza, que nós chamávamos de contínuos, passaram a auxiliar de não sei o quê... até umas denominações bonitas que eles tinham. Aí não havia trabalho para eles, porque eles não tinham... talvez... para exercer as Secretarias, porque eram de concursados, e nós, concursados, éramos muito – muito! – preconceituosos. Muito mesmo! Sabemos hoje que algumas pessoas tinham capacidade, outras mais ou menos e outras, é claro, nenhuma. De qualquer maneira, eles tiveram o seu lugar ao sol, não vou condenar isso.

Volto à Secretaria, porque foi o meu maior tempo. Muitas vezes as pessoas me conheciam de nome, mas não de fisionomia, porque eu vivia confinada no gabinete. E eu gostava daquele trabalho. Então, nós organizávamos o quê? Eu participava de

todas as reuniões da Executiva Nacional do MDB e do PMDB, de todas as reuniões do Diretório Nacional do partido e depois das convenções, que nós organizávamos, eu e outros funcionários que trabalhavam tanto na Presidência com o Dr. Ulysses como com o Dr. Thales Ramalho. Nós trabalhávamos nas convenções. Eu também organizava as convenções do Rio de Janeiro, já com o deputado Miro Teixeira, e de Belo Horizonte, com o deputado Renato Azeredo e o deputado Jorge Ferraz, outro deputado muito trabalhador! Muito simples! Muito bacana! Assim como eu vejo o povo mineiro; não sei se é por causa do meu marido, que é mineiro e da família também. Eu tive a felicidade de morar em Minas e conhecer bastante a esposa do Dr. Renato, Dona Ruth. Conhecemos o Eduardo Azeredo. Trabalhávamos na convenção de Belo Horizonte. Mas era um movimento incrível que nós tínhamos ali! Era disso que eu gostava.

Eu não era da parte administrativa. Da parte administrativa eu não gostava. Eu gostava de gabinete. No início, é claro... eu fui entrando... e cheguei ao ponto de ficar em gabinete e não sair mais de gabinete. Gostava muito de gabinete.

Prestei serviço a esses deputados todos. Foram muitos deputados, posso até aqui esquecer de citar alguns. Por muitos eu tinha e tenho carinho. Uns já foram, outros ainda estão aí. Agora mesmo, no Conselho da Ordem, na posse do ministro da Justiça, Dr. Thomaz Bastos, estive com o deputado Paes de Andrade, que estava para ser embaixador. Conheci o Dr. Paes ainda engatinhando na política aqui. Nós vimos como ele crescia. E como genro do deputado Martins Rodrigues, tínhamos bastante intimidade, inclusive com a Dona Zilda, a Zildinha. Era um convívio muito gostoso, muito, muito familiar. Conseguíamos separar o trabalho e as nossas amizades particulares.

Eu me aposentei em 1993, mais precisamente em agosto de 1993. Fiquei triste de me aposentar, após 39 anos de serviço ativo, tendo uma folha corrida sem faltas. Eu não faltava! E o Dr. Renault Mattos Ribeiro é testemunha. Ele dizia: “Essa daí trabalha até doente.” Eu tive pneumonia, que havia afetado a pleura. E ele dizia: “Eu vou te internar.” Eu disse: “Não me interna.” Foi numa sexta-feira, ele me deu antibióticos e na segunda eu estava trabalhando dentro da Câmara dos Deputados. Era uma loucura. Ele disse: “Essa não tem jeito, eu não mando nela.” Ele sempre foi o meu médico. Durante muito tempo. Hoje, não. Hoje ele é geriatra. E eu digo: “Não Dr. Renault! Geriatria não é sua praia, sua praia é cardiologia.”

Eu tive oportunidade, dentro dessa minha trajetória na Câmara dos Deputados, de adquirir conhecimentos na área política, na parte eleitoral, Direito Eleitoral. Direito

Administrativo aprendemos na faculdade, e não é difícil, basta consultar os nossos códigos; é mais fácil.

Conheci pessoas dignas e de um fator humano que acredito não existir hoje; pessoas boas. Nós tínhamos funcionários altamente gabaritados na Câmara dos Deputados e vocês que também são da minha época sabem disso. Foram funcionários de muito conhecimento e em qualquer local que fossem colocados mostravam grande capacidade. E hoje eu digo o mesmo: a Câmara é um celeiro de grandes vultos brasileiros, pessoas maravilhosas como foi o Dr. San Tiago Dantas. Ôh! Quando Dr. San Tiago Dantas discursava, o plenário se enchia de pessoas para ouvi-lo. Para ouvir Dr. Almino Affonso. Para ouvir Dr. Adauto Lúcio Cardoso. Para ouvir Dr. Gustavo Capanema. Você ficava maravilhada com as lições de vida política dessas pessoas. Um Dr. Ulysses Guimarães, uma pessoa honestíssima! Honestíssima!

O deputado Franco Montoro – depois ele foi para o Senado –, que não deixava um pedido sem resposta, mesmo que a resposta fosse não. Mas ele tinha uma resposta. Ele dizia: “Haidee, responda estas cartas aqui”, e eu sempre gostava de escrever. Então, eu escrevi uma tal carta, e ele me perguntou: “Este pedido aqui, você sabe para quem que você escreveu?”. Eu disse: “Sei, para o primeiro-ministro Aldo Moro, da Itália”. Ele era muito amigo do Dr. Aldo Moro, da Itália. Ele queria responder a todas as pessoas, desde os mais simples pedidos, aqueles mais fáceis de se conseguir. Ele queria que fosse feita uma comunicação, que se desse alguma resposta. Eu não gosto muito de falar mal dos outros, mas hoje, com o advento do computador, já está tudo prontinho ali: “Recebi sua carta, vou tomar as providências e tal”. Mas nós, não. Nós nos empenhávamos para que as pessoas tivessem realmente uma resposta naquela situação tão difícil. E a Câmara é a Câmara do povo! Para o povo! E pelo povo! Não é isso? Então, é isso que quero dizer.

Como eu disse aqui, eu tenho muito orgulho de pertencer ao Poder Legislativo e mais precisamente à nossa Câmara dos Deputados. Hoje, nós estamos comemorando 180 anos de existência. E aqui eu digo que seria tão bom se o tempo não passasse para mim, para eu poder sempre continuar fazendo o que durante tanto tempo fiz no exercício do meu cargo na Câmara dos Deputados.

Obrigada a vocês.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – A gente queria ainda resgatar algumas coisas.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Espero que a minha memória não falhe.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto) – Por exemplo, chamou-me a atenção o fato de você, como carioca – eu sou carioca também, e o carioca é conhecido pela descontração, aquela coisa de não levar muito as coisas a sério –, ter demonstrado desde o começo do seu depoimento que é muito engajada no processo político como um todo. Eu queria voltar a esse tempo, ao início da década de 60 e final da década de 50, quando você ainda não estava na Câmara e o país estava vivendo um momento político muito importante, a partir do qual desencadeou-se uma série de mudanças. Queria que você falasse um pouquinho sobre como era isso antes de você entrar para a Câmara e sobre sua motivação para entrar nesta Casa onde aconteciam as coisas. Como foi isso?

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Olha, eu sempre fui politqueira. Meu marido sempre gostou muito da política, e eu sempre participei dos movimentos na juventude estudantil católica em Belo Horizonte, juntamente com o Betinho, com o Teotônio e outros tantos – o Luiz Antônio pode me ajudar nisso. Nós trabalhávamos naqueles movimentos políticos já à época, inclusive com o prefeito Amintas de Barros. Eu sempre trabalhei para a política, inclusive quando eu estava no Rio, naquele comitê Lott/Jango. Na minha casa tinha um comitê Lott/Jango. Então, nós tínhamos sempre engajamento na política. E vocês vão notar que eu sempre estava na Oposição. Então, quando eu entrei para o MDB, na época, depois da revolução, quando ficou o bipartidarismo, eu estava no lugar certo! No lugar em que eu queria ficar! Porque eu já vinha da Oposição. Trabalhamos em Belo Horizonte. A minha caminhada na política foi maior em Belo Horizonte, porque eu já havia atingido a maioridade, não a idade legalmente maior, que hoje é de 18 anos, mas naquela época era 21. Mas eu já devia estar mais ou menos com essa idade. Na ocasião, eu era funcionária da Inspeção Seccional do Ensino Secundário e fazia o Clássico no Marconi, onde encontramos pessoas também desses movimentos estudantis em que nos engajamos. Engraçado é que minha mãe ia para lá para nos visitar, e a gente levava ela para os comícios com as bandeiras. E ela perguntava: “O que estou fazendo aqui?” “Nós estamos só gritando, pode deixar que vamos conseguir as coisas através dos movimentos.” Então, eu sempre trabalhei nessa parte. Depois eu fiz a faculdade de Direito, mas já foi no Rio de Janeiro – era a Faculdade Federal Fluminense, em Niterói. Quando eu me formei eu já estava até aqui na Câmara dos Deputados, porque eu me formei em 1964.

Desses movimentos eu sempre gostei muito. Inclusive do movimento da candidatura do Juscelino Kubtschek, em que nós sempre trabalhamos, com Renato Azeredo, com Eduardo Azeredo e Mário Covas. Eram pessoas assim. Às vezes nós trabalhávamos, já aqui na Câmara, nos comícios, quando ocorriam os movimentos de políticas nacionais. Nas regionais, eu ia para o Rio ou ia para Belo Horizonte. Eu me dava muito bem com o Moreira Franco. Hoje eu não sei se eu me daria tão bem, mas de qualquer maneira...

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E no período de 1964 até 1968, que foi a fase mais violenta da revolução, como você viveu na Oposição como servidora da Câmara e vendo as coisas que estavam acontecendo.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Eu não sei se o meu ponto de vista seria correto, mas eu acho que ficou no faz-de-conta. Naquela época fecharam e depois abriram a Câmara, mas ficou no faz-de-conta. Os deputados ali e... funcionando por funcionar. Quando fecharam a Câmara – o Abeguar estava até falando aqui – não havia gratificação. Muitas vezes se fazia escala de hora extra, e eu passava para o outro a minha hora extra porque eu já tinha função gratificada àquela época, já tinha uma função. Eu passava para aquele outro que não tinha. Essa questão não foi muito assim na parte financeira, não foi para mim, não tive grandes dificuldades. Agora, na parte política a gente sabe que não podia... Nós vimos o Moreira Alves, não é? Falou, cassou! O Martins Rodrigues, nós até o levamos ao local onde ele tinha sido preso, naquela passeata da qual há até foto: aparece Martins Rodrigues, Mário Covas e todo mundo. Foi um movimento contra aquela situação. O que aconteceu? Foram cassados, presos, foi isso o que aconteceu. Então, as pessoas tiveram que ficar aguardando... aguardando... ou trabalhando muito veladamente, porque a pessoa ali estava realmente correndo risco inclusive de sofrer torturas e outras coisas. Nós vimos agora, inclusive...claro eu já havia visto antes, mas eu vi agora o depoimento do Frei Beto, foi um absurdo! Foram torturas terríveis! Terríveis! A tortura já é terrível. Um dos religiosos também se suicidou. A pessoa fica naquele desespero. Eu tive parentes que foram presos e que não tinham nada a ver com a situação. Às vezes só porque tinham um livro de Monteiro Lobato. São coisas assim, diante das quais você fica em estado de alerta e receoso.

Na época do fechamento da Câmara, quando estávamos no mundo da lua, eu fui ver o homem pisar na lua. Eu estava no Cabo Canaveral, como era chamado na época – hoje é Cabo Kennedy. Eu estava nos Estados Unidos, porque eu tinha situação boa. Não era uma situação de rica nem nada, mas uma situação em que

eu poderia controlar minhas finanças sem me atolar ou me sufocar. Então, eu viajei para lá.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Depois disso, o MDB foi crescendo e depois houve abertura para o pluripartidarismo, que acabou sendo um instrumento para enfraquecer o MDB, porque houve uma debandada geral.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Exato. Aí fundaram o PSDB.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Fala um pouquinho disso. Você, dentro do partido, como vivenciou isso?

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Eu trabalhei no MDB, depois eu fui para o PP. Acho que foi uma atitude que tomei por amizade ao Dr. Thales. Aí eu fui ao PP. Essa parte do PMDB, quando eu voltei, eu já voltei com o Ibsen Piniheiro, então eu não tenho assim muita coisa... mas tenho com o PMDB do Thales Ramalho, cuja secretaria eu chefie. Então, com o fim do bipartidarismo realmente houve sim uma debandada. Muitos saíram, porque o MDB era uma frente de oposição. Então, eles foram fundar os partidos a que vários deputados aderiram. Mas o Dr. Ulysses, não. E quando voltei para o PMDB – eu estava no PP e voltei para o PMDB –, estava lá em uma convenção, e ele estava tão triste com aquela situação. Foi logo depois da primeira candidatura dele – ele foi anticandidato, com Barbosa Lima Sobrinho. [A “anticandidatura” do deputado Ulysses Guimarães foi em 1973, ainda MDB]. Conversando com ele, perguntei se tinha alguma coisa, porque era uma pessoa extremamente equilibrada. Ele era também uma pessoa engraçada. A única pessoa que podia entrar dentro da Comissão Executiva onde eles trocavam as dificuldades, inclusive as farpas, era eu; nenhum jornalista entrava. Só entrava quando ainda não havia começado. Ele chegava e dizia assim: “Agora eu vou contar uma piada. Como a D. Haidee não tem ouvido, eu vou contar esta piada”. E contava uma piada, mas era tão inocente que podia ser contada até em público. Mas eu achava engraçado. Ele era uma pessoa séria, circunspecta, mas se descontraía ali, na Comissão Executiva.

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – A senhora, dentro dessa prévenance que usufruía com o Dr. Ulysses, lembra de alguém de destaque hoje que nesse período freqüentava lá?

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – O gabinete? Jornalista ou político?

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Político.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – De políticos, havia aqueles da confiança dele. Ele gostava muito do Aldo Fagundes. Ele colocou na assessoria dele o Aldo Fagundes, que havia perdido a eleição...

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Nosso atual presidente a senhora nunca viu por lá?

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Não, acho que não. Pelo menos eu não me lembro assim. Mas um grande amigo dele foi o Pedroso Horta. Os dois sempre trocavam muitas confidências. E também aquele outro que morreu junto com ele: Severo Gomes.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Dessas confidências que a senhora presenciou, lembre-se de alguma que seja engraçada ou marcante para nos contar.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Confidências são confidências e nada mais que confidências. Ele tinha muita confiança em mim. Ele tinha muita confiança em mim, porque ele sabia que o que ali se falava ali ficava. Porém, coisas engraçadas seriam as piadas de que ele gostava. Ele também era muito amigo do Dr. Martins Rodrigues. Eles eram muito ligados. Mário Covas também era muito amigo dele.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Durante todos esses depoimentos, a gente nota que o PMDB foi um baluarte em defesa da nossa democracia – pelo seu depoimento, rico em espécie, em tudo. Como foi naquela época em que Ulysses, estando na Bahia – e os jornais comentaram muito... Como ele comentou aquele cerceamento da liberdade dele de se deslocar, inclusive com cães em volta dele, aquela famosa fotografia...

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Não foi em Pernambuco?

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Pernambuco. [Em 1978, na Bahia, a polícia ameaçou o Dr. Ulysses utilizando-se de cães.] Como ele entendeu isso? Porque nós, que estávamos fora, o víamos como um paladino enfrentando aquilo. Eu era professor na época, eu chegava a vibrar com aquilo.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Eu acredito que essas confidências ele daria para Dona Mora e talvez a algum desses deputados mais ligados. Isso não seria, vamos dizer, ventilado dentro das nossas reuniões de Executiva, que eram mais, realmente, de política de partido, de objetivos que eles tinham para re-

alizar determinados movimentos. Essas eram as situações em que ele tratava mais de política, realmente. E, nessa parte, a gente sabe que a imprensa foi bastante boa com ele, destacou muito tempo de divulgação. Mas nessa época eu já não estava mais na Executiva.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Você contou também aí um momento de tristeza do Dr. Ulysses, quando passou a anti-candidatura dele. A minha pergunta é a seguinte: em algum momento da vida de Ulysses ou outro parlamentar, numa das confidências, você deu algum conselho ou comentou alguma coisa que se transformou numa atitude política ou num momento histórico? Fala sobre isso para mim.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Não. Não. O funcionário, a não ser uma pessoa assim... alguma situação... Eu acredito que eles não iriam perguntar para mim e sim para outras pessoas, que fossem mais da política deles do que seria o meu caso. Eu não sei. Vamos dizer assim, eu acho o político bastante fechado nesse ponto. E, dentro desse fechamento, o Dr. Ulysses, eu acredito que fosse um deles. Ele não era de manifestar. Eu o vi triste, mas ele, por exemplo, apenas me abraçou. Não chegou a falar nada não, porque já ia começar a reunião.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Voltando um pouco, em 1966 o Congresso Nacional foi fechado, com Aduino Lúcio Cardoso [na presidência da Câmara], que a senhora falou que admirava também. Um grande parlamentar.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – E Áureo de Moura Andrade. Não foi Áureo de Moura Andrade?

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – E Áureo de Moura Andrade.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Mas foi com Jango, com Jânio Quadros, não é?, que decretou inclusive a renúncia dele, correndo, correndo.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Em 1966 houve esse fechamento do Congresso. A senhora se lembra, como funcionária, como aconteceu esse fechamento? O Congresso esteve cercado por tropas naquele período.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Foi, foi.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Como a senhora viu...

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Fechou, todo mundo ficou, claro, em pânico: “Como é que vai ser?” “O que é que nós vamos fazer?” Porque ninguém sabia. Mas nós ficamos em disponibilidade, não foi uma coisa assim em que foi demitido todo mundo. Não se demitiu e, sim, ficou um tempo em disponibilidade. Claro que, eu acho, o choque maior seria para eles, que perderam tudo: os políticos. O funcionário não teve assim... Claro, teve repercussão, porque nós gostávamos da política, gostávamos daquele trabalho que nós fazíamos. A gente sente, e sente até hoje, essa história, que a gente tem que virar correndo as páginas para apagar da memória. É uma coisa que eu tenho feito muito: apagando da memória. Isso é muito fácil para mim, principalmente na minha idade.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – A gente faz essa pergunta justamente por isso, porque hoje, como encarregado de determinado acervo da Câmara, nas minhas estantes, quando chega em 1937 e 1945 há um espaço vazio de democracia.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – É, também com Getúlio, não é?

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Chega em 1966, outro espaço vazio, de outubro a novembro. Chega em 1968, um ano fechado. Chega em 1977... Então, essas estantes me deixam na memória, sempre quando vou consultar, que falta alguma coisa da democracia ali dentro. Por isso a gente insiste sempre nisso: como é que a senhora viu, como é que outro servidor está vendo isso?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Bem, na sua atividade, você como uma pessoa que tinha pontos de vista e que estava filiada a um partido, alguma vez foi determinado fazer alguma coisa com que você não concordava e você então fez corpo mole? Ou o inverso: foi pedida alguma coisa com que você concordava e você então agilizou mais do que o normal, incendiou todo mundo? Teve algum momento desse na sua vida funcional?

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Dentro da parte que eu exercia, a chefia de gabinete, eu fui uma pessoa muito, muito fiel àquele que me delegou aquela confiança. Então, eu fazia o que aquela pessoa me pedia. É claro que eu não fazia um absurdo, empurrar fulano para cair, não. Mas teve coisas que eu... Por exemplo, dentro do gabinete tinha determinadas coisas, determinados documentos que as pessoas me pediam e eu dizia que não tinha, porque era uma ordem eu dizer que não tinha, e depois a pessoa sabia que eu tinha. E teve até um deputado que veio muito agressivamente a mim e disse, ele sendo da Bahia, que ele ia fazer uma macumba para eu morrer, de tanta raiva que ficou de mim na ocasião. Depois

não, ele viu que realmente eu estava cumprindo ordem. Ordens dadas, executadas. Porque, senão, eu não era da confiança daquele chefe, daquele gabinete, daquele deputado que estava ali.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Uma coisa que a gente tem notado na grande maioria dos depoimentos, senão em todos, é essa questão da ética e da honestidade. Não resta dúvida de que todos, sem exceção, cumpriam rigorosamente aquilo que era determinado pelo superior. Em alguns casos se questionava, mas nunca se deixava de cumprir à risca.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Exato.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Razão por que a gente fez a pergunta. Não por ter descumprido, mas conversado e mudado um pouco a história em função de uma observação e de uma postura como servidor.

Você gostaria de relembrar alguma coisa que não foi comentada aqui, não foi perguntada?

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Gostaria de falar. Quando eu estava na Secretaria do partido, que foi, claro, o maior tempo em que fiquei... Os outros foram bastante transitórios, e esses foram tempos que eu fiquei durante muitos anos. Só com o Dr. Thales foram mais de dez anos. Mas eu presenciei um fato bastante interessante – vocês podem até cortar depois. Foi quando houve a troca de tiros entre Nelson Carneiro e Souto Maior. Eu estava na porta – porque a Secretaria ficava onde hoje é o Banco do Brasil do prédio principal – e, engraçado, e fiquei olhando aquelas trocas de... Eu disse: “Meu Deus!” Uma coisa que eu nunca tinha visto, a não ser em cinema. E fiquei impressionada, mas não apavorada. Mas teve um deputado e outros também que ficaram tão assustados, que foram para debaixo das mesas. E eu fiquei na porta olhando. Os tiros eram para lá. Se estava com o revólver para lá, claro que não vai cair em mim, a não ser que resvasse em alguma parede, uma coisa assim. E, depois, um entrou num vão do armário em que, acho, quase não cabia uma folha de papel. Ele conseguiu entrar nesse armário. Quando eu o vi sair de lá, espremido, eu disse: “Meu Deus! Ele vai quebrar todos os ossos.” É engraçado como as pessoas se assustam com os tiros.

A troca de tiros no Senado eu também tive a chance de presenciar – até infelicidade, porque morreu um senador, o Khairallah. O senador Arnon de Melo, com outro, brabo, de lá das Alagoas também, Góes Monteiro. Aquele também eu vi.

Engraçado, eu não tenho medo de tiro. Não sei se é porque sou carioca.

Mas eu não lembro dessa parte dos anos em que foi. Sei que o Dr. Martins estava lá. Ele gritava tanto “Nelson! Nelson! Nelson!” – porque ele era muito amigo do Nelson, como o Dr. Luiz também era –, mas Nelson estava possesso e ou outro também. As pessoas ficam assim... É uma coisa incontrolável o ódio que as pessoas sentem umas das outras! E do outro lá do Senado também. Ele disse que o Arnon não podia entrar no plenário, e Arnon entrou. “Eu vou entrar, ele não manda no plenário.” E Góes Monteiro atirou nele e matou foi o Khairallah, que não tinha nada com isso [o tiro que matou o senador Silvério Péricles Góis Monteiro foi disparado pelo senador Arnon de Mello].

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Isso é um fato curioso na Câmara. Em 1922/1923 também houve uma morte de um deputado no plenário.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Exatamente.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Hoje talvez não aconteça, porque tem detector de metais...

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – E eu sei lá se esse detector de metais adianta alguma coisa?

(NÃO IDENTIFICADO) – Só para a gente.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Não, nem para a gente, porque eu e meu marido entramos por ali. Ele disse: “Não vai deixar o celular?” E eu disse: “Não, eu vou entrar para ver se vai detectar alguma coisa.” Não detectou nada, o celular, a chave que estava...

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Só funciona para marca-passo. Uma amiga minha, que foi presidente da Bienal de São Paulo, ela passava, quase tinha que socorrê-la.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Mas é isso. Eu lamento não ter lembrança de muitas coisas. Gostaria realmente de poder acrescentar mais alguma coisa.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Sobre os 180 anos, a sua opinião acho que você já expressou no final da sua exposição. Eu gostaria de lhe pedir a gentileza de nos disponibilizar a carta que você escreveu para o Dr. Ibsen Pinheiro, para fazer parte da nossa exposição.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Sim, sim. Eu vou ver se acho.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E outras coisas que você encontre, fotos dessa época, talvez da participação nas convenções.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – É pena que eu não saiba quem tem isso hoje. Ficou tudo lá nos livros do partido.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Tudo o que você conseguir resgatar que possa fazer parte dessa exposição, que será agora em outubro, nós receberemos de braços abertos.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Certo. Vou ver se eu tenho alguma coisa.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Cuidaremos direitinho, para lhe devolver inteirinho. Fotos nós copiaríamos, para fazerem parte disso e para ficarem guardadas numa publicação, que posteriormente nós vamos iniciar uma série.

Em nome de todo mundo, agradeço a sua participação no projeto. Se tiver alguém que você queira indicar, que também tenha uma memória prodigiosa igual à sua, será bem-vinda. Obrigado.

A SRA. HAIDÉE DEL BOSCO DE ARAÚJO – Eu que agradeço.